

THEODOR W. ADORNO: ABORDAGENS SOBRE BULLING NA EDUCAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A BARBÁRIE

Sérgio Augusto Da Silva

Marcelo Martins Bueno

RESUMO

O presente estudo pretende apresentar na íntegra um debate sobre bullying e barbárie sob a luz teórica de Theodor Adorno, autor que de forma particular associa a violência humana com a não realização do esclarecimento postulado por Kant, em que procurou elucidar as possibilidades epistemológicas de análise crítica das questões como a barbárie do passado com as atuais presentes na escola e na sociedade, permitindo argumentar sobre a potencialidade do desenvolvimento de uma teoria e de uma práxis capazes de abarcar as características essenciais do mundo contemporâneo. Com base no que Adorno estabelece como uma educação para a autonomia, busca-se discutir as ações sociais comprometidas pela influência da indústria cultural e da semiformação que desencadeia uma semi educação. Adorno por meio de sua teoria busca interpretar a causa da ação violenta ocorrida nas escolas como forma de dominação e de representação do sujeito. Com o presente estudo, constatamos que ao enfatizar a instalação das semiformação como resultado da ideologia sustentada pelo regime capitalista, a escola cuja ideia da sua criação foi historicamente engendrada burguesia teve seu papel efetivado na categorização de sujeitos.



INTRODUÇÃO

Construído em 27 de março de 1940 ao sul da Polônia, Auschwitz foi o maior campo de concentração de prisioneiros criado pelos nazistas durante a segunda grande guerra, evento que, para muitos, representou uma das maiores desonras humanas da história. Como seria possível aceitar que, numa sociedade que se localizava no topo da ciência, das artes, da literatura e da filosofia, a barbárie se produzisse sob argumentos e ações racionais?

O holocausto se gestou e pôde ser praticado em nossa sociedade moderna e racional, num momento de avanço da nossa civilização, no auge da nossa cultura e, por esta razão, é um problema desta sociedade, desta civilização e desta cultura. (Baumann, apud Zamora, 2004, p.21).

Com efeito, este trabalho tem como objetivo estabelecer a relação entre a barbárie, educação e o bullying, recorrendo para tanto ao pensamento de Theodor Adorno, autor que, valendo-se do imperativo moral, buscou ao longo de sua obra demonstrar a necessidade premente da construção de novos modelos formativos, desta forma cultivar possibilidades concretas de emancipação, capazes de superar a reificação do existente, mediante a recuperação de sua essência humana e como resultado impedir a repetição de Auschwitz. Adorno atribui importância fundamental à educação, relacionando-a com a responsabilidade de formar as atuais e as futuras gerações no sentido de assegurar a autonomia de indivíduos emancipados, possibilitando assim a realização do ideal de uma sociedade verdadeiramente democrática. Portanto, não é por acaso que, para o filósofo frankfurtiano, a discussão sobre a formação constitui uma questão central. A regressão à barbárie não foi ocasionada pela ausência de educação. Do mesmo modo, não podemos tratá-la como um acidente de percurso, como um desvio da razão. Na verdade, Auschwitz deve ser tomado como uma espécie de consequência necessária de um modelo formativo responsável pela constituição de uma forma de consciência social deformada, ainda prevalente. Neste sentido, para que não se torne um ideal sem vínculo com a realidade, uma educação comprometida com a emancipação



teria que assumir como ponto de partida a decifração das características de tal modelo, cujos efeitos continuariam ativos e possivelmente não existiriam formas tão graves de agressões físicas e psicológicas, principalmente em escolas.

Em suma, seria necessária a explicitação do vínculo entre esclarecimento e barbárie, mais precisamente, entre as manifestações da racionalidade instrumental - a essência da dominação que paira sobre a sociedade moderna e o risco da perpetuação do caráter selvagem de nossa civilização. Esta discussão sobre tal vínculo corresponde a uma temática crucial na tese de Adorno, o Malogro do Esclarecimento. Nele, à luz da perspectiva desenvolvida principalmente a partir da Dialética do Esclarecimento, livro publicado em 1947 expõe o modo pelo qual Horkheimer e Adorno compreendem o desenvolvimento do iluminismo e a caminhada da sociedade na direção da barbárie.

As causas e os efeitos acerca do tão reconhecido insucesso da dialética, resulta nas discussões levadas a conceito da semiformação diante do avanço das Ideologias, enfatizando a relação entre indústria cultural e semiformação, buscando analisar como estes fenômenos complementares determinam a substância da sociedade moderna, assegurando, por intermédio de uma educação danificada, a supremacia da dominação. Nesse sentido, uma Educação sem Barbárie, nos remete a uma súplica e retrata as reflexões de Adorno sobre a possibilidade de concretização de uma educação voltada à emancipação.

Neste sentido, o esclarecimento converteu-se em ideologia. Por meio dele, ampliou-se o controle não só sobre a natureza exterior, mas também sobre a interior. Ao longo deste processo, a educação, que teria como responsabilidade a construção de uma verdadeira consciência, apta à autorreflexão crítica, assumiu um caráter que vai de encontro a esta finalidade, pois se torna palco de uma barbárie administrada, pela agressão gratuita física e psicológica, pela indiferença e pelo ódio. E nesse sentido que esse texto busca esclarecer, pelos olhares da sociologia e filosofia de Adorno e Horkheimer a existência desse mal social.

IDEIAS INICIAIS

O MALOGRO DO ESCLARECIMENTO

Dialética do Esclarecimento tornou-se um clássico ao se valer de uma postura inovadora e, ao mesmo tempo, ousada para interpretar o movimento iluminista e o ressurgimento da barbárie. No século XVIII, Kant refletira sobre a ascensão de um homem livre de qualquer tutela, capaz de buscar soluções racionais para todos os seus problemas. Para isto, bastaria estender o uso autônomo do entendimento às esferas religiosas, moral, econômica e política: Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu próprio entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem "Sapere aude"! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento (Kant, 1985, p.100).

A teoria kantiana eleva o sujeito ao centro de toda a especulação sobre os limites do conhecimento, apropriando-se, em certo sentido, da herança legada pelos humanistas da época do Renascimento. A radicalização destes ideais antropocêntricos culminou com as revoluções burguesas que caracterizaram a modernidade. Contudo, no contexto de uma sociedade fragmentada e politicamente atrasada como era o caso da Alemanha de sua época, Kant não propõe uma luta com o esclarecimento, uma ruptura radical com a ordem estabelecida, mas sim uma transformação dentro da ordem (Pucci, 1994, p.21).

As características essenciais desta proposta podem ser encontradas na relação existente no pensamento kantiano entre educação e moral. Tal relação teve grande repercussão tanto na vida quanto nos escritos do autor, principalmente naqueles que tratam mais amplamente da formação. No entanto, segundo Cambi (1999, p.21)., levar a efeito neste período uma discussão sobre a educação constituía uma tarefa árdua, já que A história da pedagogia no sentido próprio nasceu entre os séculos XVIII e XIX e desenvolveu-se no decorrer deste último como pesquisas elaboradas por pessoas ligadas à escola, empenhadas na organização de uma instituição cada vez mais central na sociedade moderna (para formar técnicos e para formar cidadãos), preocupadas, portanto, em



sublinhar os aspectos mais atuais da educação-instrução e as ideias mestras que haviam guiado seu desenvolvimento histórico. A educação defende como formação do homem, amadurecimento do indivíduo, consecução da sua formação completa ou perfeita.

Segundo Kant, a educação escolar teria a função de formar o homem para o exercício da cidadania. Portanto, deveria lidar com todos os assuntos atinentes ao homem e ao Estado, evitando conduzir o sujeito a uma crença, a uma ideologia. Neste sentido, de acordo com Cambi (1999, p. 362), no pensamento kantiano o objetivo da educação é transformar a animalidade em humanidade pelo desenvolvimento da razão; tal objetivo, porém, não se atinge por instinto, mas somente pela "ajuda de outrem".

Todavia, com a Dialética do Esclarecimento, desponta uma nova forma de interpretar a história, por meio da qual se questiona a ideia do inevitável progresso da razão. A educação, ao contrário do que supunha a modernidade, não desencadeou a superação da heteronomia. O esclarecimento, processo que teria surgido com o objetivo de levar a espécie humana à emancipação, carrega em sua estrutura o espírito da dominação:

O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência (Horkheimer & Adorno, 2006 p. 18). No livro ora em discussão, Adorno e Horkheimer discorrem sobre a viagem de Ulisses relatada por Homero à luz do ponto de vista da análise da trajetória que a humanidade realizou com o intuito de afirmar sua racionalidade. Os autores sustentam que a razão, entorpecida pelo receio de se defrontar com a verdade de que o mito que julgava ter destruído já a continha em germe e continua a habitá-la, converte-se em mito. Na direção oposta, os mitos, por sua vez, já consistiam em uma forma arcaica de esclarecimento: "O mito queria relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar. Com o registro e a coleção dos mitos, essa tendência reforçou-se". (Horkheimer & Adorno, 2006, p. 20)



Consequentemente, aquilo que era magia e superstição agora cede lugar ao racional, dimensão à qual o indivíduo deve ajustar-se milimetricamente, baseado na plataforma de um verdadeiro ditador, na medida em que o conhecimento se manifesta por meio de manipulações. Assim, os autores afirmam categoricamente que o esclarecimento é totalitário. Ou melhor, o totalitarismo é uma possibilidade imanente ao seu desenvolvimento (Horkheimer & Adorno, 2006, p. 19).

O esquema proposto nesta ideia de esclarecimento apresentada pelos frankfurtianos é de uma matematização, na qual o número emerge como preceito da ilustração. Há, aí, um processo de reificação do pensamento, pois a exigência clássica de pensar o pensamento é abandonada. Nesta perspectiva, tudo se resume à nova ordem; tudo que é figura se torna fato e as coisas se tornam matérias: O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem domínio. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este os conhece na medida em que pode manipulá-los (...). Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação. (Horkheimer & Adorno, 2006, p.21).

A INDÚSTRIA CULTURAL E DE SEMIFORMAÇÃO

Antes de iniciarmos a discussão sobre os conceitos de indústria cultural e de semiformação, é necessário que, a fim entendermos de forma mais apropriada o pensamento de Adorno, recorramos ao ensaio Sobre Sujeito e Objeto, no qual o filósofo frankfurtiano identifica o núcleo característico da tradição pragmática. Para Adorno, o espírito forjado por esta tradição seduz a racionalidade humana e, em igual medida, a relação entre sujeito e objeto. Os indivíduos sentem-se aliviados e até mesmo orgulhosos diante do ilusório desenvolvimento cultural ao qual chegaram. Entretanto, tais indivíduos não percebem o quão precariamente têm consciência do que apreendem e consomem. A principal característica deste sujeito é o pensamento vago sobre a sua inclinação a julgamentos críticos. Este império produz um recorrente incentivo a não reflexão. Para Adorno (1995 b,



p.204), “O espírito burguês reúne a autonomia e a aversão pragmatista pela teoria tão antinomicamente quanto à sociedade que o sustenta. E ainda, conforme o autor,

Poder-se-ia partir da ideia, supostamente ingênua, mas, na realidade, já mediada, de que um sujeito, seja qual for sua natureza, um sujeito cognoscente, defronta-se com um objeto, seja qual for a sua natureza, objeto do conhecimento (idem, p.182).

Sendo assim, a consciência subjetiva entra em contato unicamente com um objeto já mediado. Ainda que sua concepção seja construída apenas por meio dessa mediação, o sujeito permanece incapaz de se dar conta disto.

(...) a primazia das relações abstratamente racionais, desligadas dos indivíduos particulares e seus laços concretos, relações que têm seu modelo de troca. Se a estrutura dominante da sociedade reside na forma da troca, estão a racionalidade desta constitui os homens; o que estes são par si mesmos, o que pretendem ser, é secundário (idem, 1995 b, p.187)

Neste sentido, a indústria cultural designa uma atmosfera social em que os modos e as ações dos indivíduos muitas vezes legitimam o discurso dominador, desfavorecendo a teoria crítica e, conseqüentemente, esvaziando a possibilidade da práxis. Um dos mais fortes mecanismos de semiformação utilizados pela indústria cultural reside justamente na obstrução da criatividade reflexiva, ponto crucial para sustentação da práxis. Neste contexto, Zuin (1998), certifica que esse modo de agir encontra-se amarrado a condições sociais que determinam esta aversão à teoria:

Os indivíduos, tanto cognitivo quanto afetivamente, são educados para subordinarem-se ao processo de semiformação cultural que impinge a exaltação da adaptação e do conformismo, ou seja, das consciências felizes ao invés de discernimento e inconformismo. (ZUIN, 1998, p.118).

A constituição deste indivíduo ocorre segundo as suas necessidades e as necessidades da sociedade. Com efeito, uma sociedade regida pelo progresso da dominação tende a orientar suas finalidades na direção da desigualdade e da miséria da maioria dos seus membros, induzindo a uma formação cultural danificada que se sustenta numa espécie de semiformação socializada. Assim, pode-se afirmar que a crise da formação anunciada é uma manifestação do social presente na sociedade.



É importante ressaltar que a gênese conceitual da noção de indústria cultural consiste na problemática da cultura de massas que caracteriza a formação social estabelecida em sua plenitude, no âmbito das relações sociais. Portanto, a questão do sujeito exige perspectivas de apreensão próprias. No ensaio Teses sobre Necessidade, Adorno explica a relação entre indústria cultural, produtora da cultura de massa, e as necessidades da sociedade, que, mediante a ideia de semiformação, devem ser apreendidas em seu método como reificação e mediação social:

A teoria da necessidade se vê situada em consideráveis dificuldades. Por um lado, ela representa um caráter social e, por isso, satisfaz as necessidades em sua forma imediata, mas concreta. Não se pode impor a priori nenhuma distinção entre necessidade boa e má, autêntica e fictícia, verdadeira e falsa. Por outro lado, tem que reconhecer que as necessidades existentes são, em sua forma atual, os produtos da sociedade de classes. Em nenhum desses casos poderíamos separar humanidade e consequência da repressão. O perigo da introdução do domínio de seres humanos através das suas necessidades monopolizadas não é uma crença de herege que poderia ser exorcizado por encantamentos, mas uma tendência real do capitalismo tardio (Adorno, apud Zamora, 2004, p.366).

Para Adorno, a cultura é concebida como práxis, sendo assim, como bens culturais não avaliados como bens em si, mas contextualizados no sentido amplo da sociedade e interligado à implantação das coisas humanas. — A formação que se esquece disso, que descansa em si mesma e absolutiza-se, acaba por se converter em semiformação (Adorno, 1996, p. 389-390).

Para o autor, embora a isso se classifique de liberdade, estamos diante de uma falsa consciência e, portanto, de uma falsa atividade do espírito. Ao fazer referência ao conceito de formação, Adorno lembra que esta formação foi constituída como objeto de reflexão pelo burguês, na sociedade pré-capitalista, com o comprometimento de que, por meio desta, surgiria uma sociedade de seres livres e semelhantes. Esta sociedade, porém, ao mesmo tempo afastouse dos fins e de sua função real. —A formação era tida como condição implícita a uma sociedade autônoma: quanto mais lúcido o singular, mais lúcido o todoll (idem, 1996, p. 391).

No campo educacional, a configuração pragmática engendrada pelo pensar e pelo agir racionais tornou-se um pensamento atrofiado. De modo casual, sua



pretensão de transformar o mundo sem interpretá-lo constitui a sua fragilidade, a fragilidade da práxis. — E, falsa práxis não é práxis (Adorno, 1995b, p.211). Neste sentido, o sujeito sofre influência desde a infância até a formação superior, da educação familiar até as concepções de como ensinar. Essa primazia não só propaga a subordinação ampliada da sociedade à lógica da racionalidade instrumental, mas também nutre as facetas do moderno processo de danificação cultural. Além de impor as condições objetivas de exaustão do trabalho, por meio da indústria cultural, são oferecidos inúmeros bens culturais como mercadoria. Assim: — A priori do conceito de formação propriamente burguês, a autonomia, não teve tempo algum de constituir-se e a consciência passou diretamente de uma heteronomia a outra (idem, 1995 b, p. 393). Adorno destaca que a semiformação deve ser entendida como o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria. Em outros termos, trata-se do pressuposto da socialização radical; ela é, em sua gênese, o espírito que prega o conformismo e que fragiliza o indivíduo, tornando-o apto para a coerção funcional.

Na verdade, a semiformação orienta-se, em última instância, por um princípio pautado pelo autoritarismo. Isto não significa, porém, que ela se manifeste apenas sob a égide de regimes totalitários. Pelo contrário, estamos diante do instrumento de garantia do funcionamento, sem percalços, também da democracia.

O objetivo de compreender a formação em toda a sua complexidade faz com que Adorno aponte para a necessidade de se construir uma teoria que seja abrangente e que ultrapasse o âmbito pedagógico. À luz desta perspectiva, ao autor afirma que a semiformação não atinge apenas a razão, tornando-a impotente, mas adúltera também a vida sensorial. Como resultado da negação das condições sociais e dos momentos de diferenciação, o processo de formação fica obstruído. Quanto mais o sujeito constitui o objeto, pelo avanço da produção científico - tecnológica, mais se distancia dele, perdendo a capacidade de interferir em sua objetividade. Como consequência, sua reflexão transformase em algo vazio.

Isso provém da preocupação da indústria cultural em atender satisfatoriamente às necessidades sociais, isto é, em proporcionar ao cidadão um campo espiritual



que institua de forma condicionada a sua autocompreensão. Tudo o que representaria, de fato, liberdade e diferença acaba reunido na esfera do consumo. A arte é o melhor exemplo, e, como já antecipava Marcuse, somente na arte a sociedade burguesa tolerou a realização efetiva de seus ideais (Marcuse, 1997, p. 113). Ou seja, Marcuse propõe uma reflexão histórica segundo a qual o ideal de igualdade da Revolução Francesa foi convertido em uma cultura afirmativa, em uma cultura que esconde as desigualdades sociais ao forjar uma igualdade cultural. O desenvolvimento das massas, nesse contexto, é um desenvolvimento que mira a anulação do sujeito no interior do sistema.

Estaríamos diante de uma cultura que, adoecida, não consegue contribuir para um verdadeiro processo formativo. Impedida de realizar a formação, tal cultura inviabiliza a emancipação e a autonomia dos indivíduos, perpetuando aquilo que Kant entendia por minoridade: uma condição em que o indivíduo não consegue ser capaz de se servir do seu entendimento sem a orientação de outrem.

Para Horkheimer e Adorno, o esclarecimento não se materializou no mundo administrado devido, por um lado, ao intenso processo de dominação das consciências maquinado pela indústria e, por outro, às condições objetivas que, em última instância, tornam cada vez mais precários os meios de interiorização. O principal obstáculo à emancipação reside, portanto, na semiformação e não, como pretendia Kant, na preguiça e na covardia. Para Kant (1974, p.100), “A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma tão grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma direção estranha — naturalistei maiorenes —, continuam, no entanto de bom grado menores durante toda a vida”.

Desde então, os sistemas de dominação mudaram. A evolução econômica mundial, as grandes nações mais potencializadas e o fortalecimento da lógica capitalista forneceram condições objetivas e subjetivas que evitaram que os grupos sociais desprivilegiados cultural e economicamente edificassem uma consciência crítica e, desse modo, desvendarem os mistérios que os impedem de construir um pensamento emancipado e autônomo. O processo de esclarecimento é dificultado, portanto, pela intensa influência que a ideologia da



classe dominante exerce sobre os indivíduos, sobretudo aqueles que possuem como único meio de educação a semiformação, adquirida de canais e instâncias mediadores que são controlados pelos divulgadores do pensar dominante que, deste modo, encontra facilidade para formar indivíduos deformados, visando ao controle e à dirigibilidade das massas.

No entender de Adorno, a exata emancipação é aquela que harmoniza uma reflexão consciente e não apenas uma reflexão da realidade, o que vale pensar no que a realidade afeta a cognição crítica do indivíduo. Os homens passam a copiar os papéis sociais, em vez de se apropriar deles, pois a capacidade de apropriação está afetada, anulada. Esta perda de sentido do processo educacional é umas das razões da barbarização aqui discutida, que se originam de relações irracionais existentes em nossa sociedade. Neste mesmo encaço, na contramão, a barbarização danifica a inclinação dos indivíduos a realizarem experiências formativas.

Adorno aborda a barbárie relacionando-a com o contexto histórico vivido pela Alemanha no século XX, que é, para ele, a mais horrível explosão da maldade de todos os tempos. No entanto, o autor afirma que este fato está presente em todo o mundo. Assim, há a necessidade de ampliação desse debate, para que sejamos capazes de identificar possibilidades de superação que sejam reais, eficientes e, principalmente, democráticas:

Pensar em Auschwitz mantendo um conceito não dialético da civilização resulta no impossível. Cada progresso que indiscutivelmente torna mais fácil a vida dos seres humanos se apresenta e é entendido como contraditório. O conceito de civilização não somente tende a compreender os espaços da era industrial em seu elemento mais positivo, como também os custos deste progresso. O perigo da barbárie não é superado por um processo civilizador que no seu modo evolutivo avança de um grau de desenvolvimento. Toda cultura está associada com a violência. A barbárie é sua companheira constante, e faz parte da mesma cultura. (Adorno apud Zamora, 2004, p.63)

O próximo capítulo tratará mais especificamente da perspectiva com a qual Adorno lida com a educação. Por uma Escola sem Barbárie é uma tentativa de reflexão sobre como podemos, por meio da escola, elaborar o passado e, assim, recordar Auschwitz, impossibilitando o seu retorno.



POR UMA EDUCAÇÃO SEM BARBÁRIE

A palavra barbárie é de origem grega. Ela designava, na Antiguidade, as civilizações de nações não-gregas, consideradas como selvagens, incultas, atrasadas e brutais. Nesse contexto, a oposição entre civilização e barbárie é qualificada. O termo barbárie passa a ter dois significados distintos, mas ligados: falta de civilização e crueldade de bárbaros. A história nos obriga a dissociar essas duas acepções e a refletir sobre o conceito, aparentemente contraditório, mas de fato perfeitamente coerente de barbárie civilizada.

Não se trata de denunciarmos uma regressão da humanidade em direção ao caminho da barbárie. Para Adorno, Auschwitz é o marco da maior das crueldades humanas. É a partir desse extremo que o autor reflete sobre a necessidade de evitar o retorno daquilo que foi a maior manifestação de irracionalidade no mundo administrado.

(...) se as pessoas não fossem profundamente indiferentes em relação ao que acontece com todas as outras, excetuando o punhado com que mantêm vínculos estreitos e possivelmente por intermédio de alguns interesses concretos, então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceitado (Adorno, 1995 a, p. 119 e 134).

O debate é de interesse global, em especial entre aqueles que estão preocupados em impedir o retorno da barbárie, e não se limita apenas ao locus educacional. Ele também diz respeito a um imenso número de pessoas que sofrem conscientemente ou não com os efeitos dessa decadência social.

Mas a busca de uma solução ou até mesmo de um distanciamento do pensamento e das práticas que desencadearam a barbárie não está diretamente relacionada com as vítimas desse processo. Neste ponto, Adorno justifica a posição segundo a qual a ênfase deve recair sobre os aspectos subjetivos. Quais são estes aspectos subjetivos? São aqueles que remetem à psicologia dos envolvidos no holocausto, mas não às vítimas, mas sim aos perseguidores. Podemos trazer esse pensamento de Adorno para a nossa contemporaneidade. Assim:



É preciso buscar as raízes nos perseguidores e não nas vítimas, assassinadas sob os pretextos mais mesquinhos. Torna-se necessário o que a esse respeito uma vez denominei inflexão em direção ao sujeito. É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca destes mecanismos. Os culpados são unicamente os que, desprovidos de consciência, voltaram contra aqueles o seu ódio e sua fúria agressiva. É necessário contrapor-se a tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem pra os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica. (Adorno, 1995 a, p. 121122).

Adorno atribui grande importância ao que ele chamou de educação após Auschwitz, que teria, segundo ele, duas feições. Uma seria a educação durante a primeira infância e a outra o processo de elucidação da população, que seria um processo abrangente e geral, responsável pela criação de um clima cultural e social que representaria tanto um obstáculo para a repetição da barbárie quanto um caminho para a emancipação. Com este argumento, Adorno critica a tese que aponta para a necessidade de recuperar a autoridade ou a realização de um compromisso.

Emancipar-se significa, para Adorno, tomar decisões conscientes e independentes, por meio de uma consciência verdadeira, sendo ainda a conexão para a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática. Porém, na sociedade moderna, em tese cada vez mais emancipada, se tornou sinônimo de abstração, necessitando de inclusão no pensamento e na prática educativas.

Adorno apud Zamora (2004, p 75) “A constituição antagonista da sociedade afeta a toda manifestação cultural, convertendo esta ao mesmo tempo, como dizia W. Benjamin, na expressão da barbárie”.

A educação teria importância marcante no desenvolvimento das condições sociais de igualdade, pois caberia a esta educação ser um exercício da teoria e da prática críticas. Caso contrário, a educação, sustentada na teoria sem crítica e na crítica sem prática, disfarça e ludibria o coletivo, assim se tornando ideologia; modificar essa estrutura implica a dissolução de estruturas coisificadas, impossibilitando assim o estabelecimento da barbárie.

Por barbárie Adorno entende:



O Processo dos horrores da colonização, os custos sociais e humanos da industrialização, as guerras do século passado, as formas de brutalidade que impõe indivíduos capitalistas selvagem, os genocídios etc, os múltiplos genocídios da era moderna, não permitem dúvidas sobre a existência de vínculo entre a modernidade e a barbárie, mesmo sobre a existência de uma barbárie especificamente moderna (Adorno, apud Zamora, 2004, p.23).

A ponderação sobre a função da educação torna-se definitiva, na perspectiva de esclarecer as contradições e, conseqüentemente, as dificuldades encontradas por ela no desenvolvimento de alunos por meio de experiências formativas que lhes permitam clarear as contradições do mundo em que vivem e resistir ao processo irracional da barbarização. A atenuante de levar o sujeito a não criticidade a que são submetidos constitui na semiformação que impossibilita a está transformação.

O curso em que a educação se desenvolve proporciona a sua danificação e isso se manifesta na banalização do conhecimento, na sua vulgarização, na falta de exigência de utilização da capacidade de concetualização, de abstração e de distanciamento em relação ao que já se julga conhecer. Para além destas reflexões, Adorno discute a possibilidade de mudarmos a postura e o pensamento dos jovens no tocante à sua concepção social e cultural, inclusive no que diz respeito ao que eles pensam sobre barbárie.

Bem, parece ser importante definir a barbárie, por mais que me desagrade. Suspeito que a barbárie existe em toda parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade, onde exista, portanto, a identificação com a erupção da violência física. Por outro lado, em circunstâncias em que a violência conduz inclusive a situações bem constrangedoras em contextos transparentes para a geração de condições humanas mais dignas, a violência não pode sem mais nem menos ser condenada como barbárie (Adorno, 1995 a, p. 159).

Portanto, é imprescindível que elaboremos o passado com o intuito de identificar no presente as evidências que levam o homem a reproduzir na sua convivência os modelos imprimidos pela sociedade administrada. A indústria cultural ganha com formas de educação que se sustentam na semiformação e isto está evidentemente associada à instituição educacional.

Quando Adorno diz que a educação seria imponente e ideológica, caso ignorasse o objetivo de adaptação, está fazendo uma alusão ao necessário processo de estranhamento do espírito, presentes na construção do conceito de formação. No mesmo movimento está



também ciente do perigo de absolutização da subjetividade que nega a história humana responsável por sua produção (Zuin, 1999, p. 123).

Educação sem barbárie significa construir no existente uma educação fundamentada na crítica, por meio da qual os indivíduos compreendam que passado não necessitaria ter sido o que foi e que o presente pode e deve ser diferente. Assim, quanto ao futuro, eles seriam capazes de mudar uma direção que parece fatal. A ideia remanescente do acatamento de Auschwitz não se repita é deslumbramento no caso de careçamos abstrair esse elemento monstruoso.

Adorno propõe desvendar o que a ideologia capitalista busca encobrir. Esta proposta visa desestruturar sistemas que se utilizam de métodos massificadores mediante os quais ejetam da realidade e da teoria tudo o que favorece à razão dominante. Deve-se, portanto, atribuir um papel de importância ao sujeito, libertando-o do negativo, do secundário. Segundo ADORNO (1995 a, pp. 34 - 35). “Deve-se conhecer os mecanismos que tornam os homens assim, que os tornam capazes de tais atos. Devem-se mostrar esses mecanismos a eles mesmos e buscar evitar que eles se tornem assim novamente, enquanto se promove uma conscientização geral desses mecanismos”.

A BARBÁRIE DE HOJE POR MEIO DO BULLYNG E DO PRECONCEITO

Tanto Adorno quanto Max Horkeimer, foram destaques, entre outros filósofos que desenvolveram na década de 1940 e até nos tempos atuais, teorias críticas ao longo de uma temática social e sobre educação. Na obra aqui apresentada *Dialética do Esclarecimento*, destacamos, o ensaio em particular intitulado: “Elementos do Antissemitismo: Limites do Esclarecimento”. Dentro dessa questão, Adorno nos expõe que, o antissemitismo rege o desejo de que o caráter social expresse violência contra o seu opositor. Não se trata aqui de uma natureza em particular e sim uma redução de todas as naturezas. Para Adorno essa perspectiva não remete apenas para judeu, mas para qualquer espécie de vertentes. Para o autor,

atualmente, o antissemitismo é considerado por uns como uma questão vital da humanidade, por outros como mero pretexto. para os fascistas,



os judeus não são uma minoria, mas a antirraça, o princípio negativo enquanto tal; de sua exterminação dependeria a felicidade do mundo (1985, p.80).

O indicador do interesse de Adorno ao antissemitismo é a sua preocupação com a questão filosófica intrínseca neste debate, que é uma chave predominante para a dialética do esclarecimento, pois a tendência do esclarecimento é, mesmo que sutil, a apagar as diferenças por abstração e é onde reside a dominação, e que faz surgir o horror.

O formalismo desse princípio é de toda a lógica, que é de modo como ele se estabelece, deriva da opacidade e do entrelaçamento do interesse numa sociedade na qual só por acaso coincidem a conservação das formas e a dos indivíduos (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 17).

Nesse sentido, Adorno e Horkheimer, aderem à ideia de que essa tendência inerente ao Esclarecimento é onde o sujeito perde a capacidade de refletir e passa a definir os estereótipos, a partir de ideias (pré) concebidas e ideológicas, compreendendo que a autonomia nubente é um fenômeno totalitário e aniquilador da alteridade, negando as diferenças num caráter absolutamente conservador (Adorno, mínima, 1983, p.56).

Em relação ao bullying, o sujeito cujo papel está encravado na prática de ações agressivas psicológicas, muitas vezes com força física, baseado numa intenção e na necessidade de poder e assim dominar o seu opressor (OLWEUS, 1997). Segundo o autor citado, o preconceito e o Bullying estão relacionados na sua grande maioria, as comparações econômicas, políticas e muitas vezes geográficas. Esta relação acima citada, até há algum tempo era observada e pesquisada como vaga suposição, mas hoje é amplamente documentada. (IDEM, 1997).

Para Adorno, os elementos cegos que, por intencionalidades, formam uma sociedade civilizatória, tem como fonte para suas atuações, seus próprios traços miméticos e tabus — outrora reprimida — e é seu mecanismo para fomentar seus comportamentos antissemitas. Agem no indivíduo internamente de forma isolada e se manifestam coletivamente.

Para Adorno,



[...] faz com que o ambiente se pareça consigo mesmo. Se, para o primeiro, o exterior se torna o modelo ao qual o interior se apegua, de modo que o estranho se torna o intimamente conhecido, o segundo desloca o interior volátil para o mundo exterior, marcando o amigo íntimo como inimigo (ADORNO, 1974, p. 154).

Esse processo agressivo acena para um distanciamento de valores do ser humano, e esses elementos atuam porque, por um lado vê o sujeito como objeto e por outro o transforma. O Agressor entende que há um distanciamento no que tange os valores humanos e esse elemento passa a negar o outro — de forma autoritária impondo a sua vítima o preconceito e a violência ou qualquer situação que faça prevalecer a sua superioridade.

A forma de que a ameaçadora barbárie se reveste atualmente é a de, em nome da autoridade, em nome de poderes estabelecidos, praticarem-se precisamente atos que anunciam, conforme sua própria configuração, a deformidade, o impulso destrutivo e a essência mutilada da maioria das pessoas. [...] Suspeito que a barbárie existe em toda parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade, onde exista, portanto, a identificação com a erupção da violência física. (ADORNO, 2003a, p.159).

Essas pessoas são, no geral, hostis e, provavelmente, foram vítimas dessas mesmas práticas. Também podem, na maioria das vezes ter tido uma infância muito agressiva, nasceu e/ou viveu por um longo tempo num ambiente invasivo. O pensamento e a sensibilidade dessas pessoas estão orientados hierarquicamente e submetem-se à autoridade moral idealizada do grupo a que julgam pertencer (IDEM, p.178). Adorno delinea essas pessoas como descritos como muita exatidão sobre as suas atitudes, comumente chamados de “populares” que exteriorizam os seus sentimentos por meio da sua vitalidade demonstrando desprezo pelas outras pessoas e pelos seus oponentes que no geral são pessoas fracas ou submissas (IDEM, p.180).

A prática do bullying é discutida por Adorno na sua Teoria Crítica e a Educação, onde entrelaçam o pressuposto acerca “dos fins da Educação” e de modo especial como o autor “vê a educação”, como forma de estímulo e/ou de distanciamento da violência. Sendo que ele na obra citada, propaga a exigência "de que Auschwitz não se repita e a educação é o viés para a extinção desse



horror” (2003, p.119). Nesse sentido, é categórico para que a educação colaborasse para a prática de uma vivência igualitária.

Contudo, isso não ocorre, pois a nossa sociedade coberta por um regime capitalista que, simbolicamente divide e subestima os homens e os fazem, todavia, simbolicamente divide e subestima os homens e os fazem competirem entre si, reduz a possibilidade de se afastar do precário comportamento gerado pela concorrência, gerando assim um mal-estar na convivência dos vencidos e dos vitoriosos. Sobre esse aspecto assegura Adorno (1993, p.21),

A sujeição da vida ao processo produtivo impõe de maneira humilhante a cada um algo do isolamento e da solidão que somos tentados a considerar como o objeto de nossa superior escolha. Que cada indivíduo se julgue em seu interesse particular melhor do que todos os demais é um componente tão antigo da ideologia burguesa quanto o fato de que ele avalie os outros, compreendidos como comunidade de todos os clientes, como melhores do que ele próprio.

A escola nesse sentido, por mais que tente amenizar esse processo, acaba reafirmando o status para que o sujeito vitorioso preconize a sua força como forma de acanhamento ao outro, aí a possibilidade da barbárie de ser rechaçada, nesse caso, fica predominante, a sua relevância. A pseudoviolência aclamada nesse sistema capital e que predomina nas escolas molda sujeitos que irão perpetuar a cada momento as suas mediações dominantes e determinando assim, uma nova forma de existência social.

O exercício de determinadas profissões pede os ritos repetitivos do obsessivo; o desempenho de outras requer a exibição/sedução da histeria. A adaptação social é propícia ao narcisista, uma vez que a fragilidade do eu precisa desesperadamente de aprovação e se submete a qualquer autoridade. Em uma época que demanda a flexibilização das ocupações e o narcisismo, em uma época que tem como características o sacrifício da consciência e a profundidade do pensamento reduzida à do espelho d'água, estas farão parte da constituição dos individualistas polivalentes que sabem tudo superficialmente e não se aprofundam em nada. Mas, se o sofrimento individual tem origem na sociedade, entender que o adoecimento psíquico tem como único ou principal determinante o indivíduo, desconsiderando a esfera social, é ser cúmplice da fabricação social do adoecimento (PATTO; CROCHIK, 2012, p. 144).

A escola tão somente é um nicho privilegiado para se desenvolver a cidadania, que poderia assumir o privilégio de enriquecer o modo de convívio com as



diferenças, introjetando valores fortes de moralidades contrárias à violência e uma cultura educativa para em uma sociedade possibilitando que se aceite a natureza da sujeição, como uma forma natural de autonomia. Sendo assim, podemos vislumbrar que a violência na escola é a mesma violência provocada pela nossa sociedade que tem como base a estética, os estereótipos e de uma personalidade autoritária e dominante.

Esse tipo de personalidade já não se manifesta mais como a do fim do século XIX, não é alguém que age diretamente por paixão, ao contrário, satisfaz seus ímpetos destrutivos, quer seu alvo seja externo ou interno, utilizando o que a civilização permite para expressar e exercer friamente a violência. [...] Se a personalidade autoritária pode ser associada à hierarquia e ao prazer de submeter ou de se submeter, no que se refere ao bullying, ela pode distinguir o líder dos que praticam a intimidação de seus seguidores; pode também caracterizar alguns dos observadores e mesmo algumas das vítimas, quando estas são também agressoras; quanto a essas últimas – às vítimas –, não cabe esquecer que podem ter sido criadas para o convívio pacífico com os outros e por isso têm dificuldade de reagir à violência, (CROCHICK, 2012, pp. 221-222).

Ainda, nesse contexto, Adorno nos alerta,

[...] quando é grande a ânsia de transformar, a repressão se torna muito fácil; que as tentativas de transformar efetivamente o nosso mundo em um aspecto específico qualquer imediatamente são submetidas à potência avassaladora do existente e parecem condenadas à impotência. Aquele que quer transformar provavelmente só poderá fazê-lo na medida em que converter esta impotência, ela mesma, juntamente com a sua própria impotência, em um momento daquilo que ele pensa e talvez também daquilo que ele faz, (1995c. p.184).

Adorno propõe uma educação emancipadora com indivíduos críticos, capazes de estabelecer uma forma de sociedade liberta e não apenas uma mera transmissora de conhecimento e que produza agentes que alimentem a barbárie ao invés de evitar a sua retomada.

IDEIAS FINAIS

A essência do pensamento de Adorno está relacionada à vida ilusória e mediada pela indústria cultural que no seu propósito desempenha um papel na domesticação da natureza crítica do sujeito de forma técnica paralisando sua



capacidade de reflexão deixando sem nenhuma ou quase nenhuma possibilidade de agir por conta própria. O projeto epistemológico proposto por Adorno se traduz na certeza incondicional de que não há vida verdadeira num mundo falso (SCHWEPPEHAEUSER, 2003, p.160).

Além disso, Adorno declara que a sociedade produz desalinhamentos na vida do homem, entre a educação que é fruto de uma sociedade capitalista que produz a ideia, por exemplo, produz homens alienados, mesmo sendo educados. Nesse processo, ocorre a minimização da história do sujeito, forja sua adaptação administrando sua vida numa socialização conformada e indiferente com o outro. Se de um lado instrui, capacita e formam cidadãos, no mesmo instante incapacitam e banalizam sua existência tendo como resultado nada mais que um sujeito semiformado resultando o que chamam de semiformação.

Ao enfatizar a instalação da semiformação como resultado de uma ideologia do sistema, Adorno alinha sua crítica de que há graves problemas a serem revistos na educação, pois sua essência tem no cerne da sua história o interesse do poder da burguesia. Se a burguesia não tivesse interesse em catalogar os indivíduos não os teriam firmado em estatuto como funcionários, comerciantes, proprietários e assim por diante (ADORNO, 1979, p.98). Adorno não estabelece uma norma ou estatuto para a educação, mas nos alerta que a semiformação se faz quando a escola não cumpre seu papel pedagógico, que é o transmitir o domínio do conhecimento, sendo para ele o verdadeiro esclarecimento é que a escola transforma a pedagogia numa mercadoria distribuída pela indústria cultural. Adorno ainda arrisca a dizer que, um indivíduo com boa formação e domínio do conhecimento, o que deveria ser a proposta de uma pedagogia esclarecedora, não sairá da escola com a ânsia das conquistas.

“Aquele que domina a literatura e sabe compreender as estruturas dos versos de um poema clássico, dificilmente é quem vai obter o emprego de redator (ADORNO, 1979a, p.116).

O resultado desse processo em que a educação desvia sua função de produzir uma sociedade humana prevalecendo o ideal de uma sociedade industrial, nos levou e nos leva a cada dia a barbárie, pois desfoca a capacidade de pensar de cada aluno que se forma determinando uma enfermidade que podemos vivenciar



nas escolas e na vida fora da escola chamada bullying. A visão de Adorno sobre esse fenômeno parte de uma análise sociológica em que as forças são tidas como identidade e encontra desse modo sua singularidade entre o que é real na sociedade. Nesse contexto, Adorno nos diz que, ao invés de viverem em classes sociais numa função objetiva do processo social, o que acaba sobressaltando, na verdade suas imagens subjetivas. (Adorno, 2001, pp. 127-128).

Segundo o autor, o conceito de educação traz consigo uma relação dialética explicitada em sua dupla finalidade: a adaptação e a autonomia crítica. Mais especificamente, a educação possui a função de integrar os indivíduos à realidade em que estão inseridos. Todavia, ela não pode ser considerada apenas como um mero processo adaptativo, por meio do qual são produzidos indivíduos bem-ajustados, aqueles que encontram o seu lugar na totalidade social estabelecida. Pelo contrário, a educação deve também propiciar as condições necessárias para que haja o distanciamento, para que o sujeito não se reconheça imediatamente no objeto, para que enfim a sociedade - algo aparentemente consolidado - seja posta em movimento pela negação daquilo que, a rigor, é desumano. "O riso, outrora a imagem da humanidade, regride ao desumano" (Adorno, 2001, p. 05).

REFERENCIAS

ADORNO, T.W. —Tempo Livre. Trad. de Maria Helena Ruschel. In ADORNO, T.W. **Palavras e Sinais: modelos críticos 2**. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. A arte é alegre? In PUCCI, B et alii. Teoria Crítica, Estética e Educação. Trad. de Newton Ramos de Oliveira. Campinas: Autores Associados, Ed.da UNIMEP/ FAPESP, 2001. _____. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995 a.

_____. Educação após Auschwitz. In: **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995 a.



_____. A educação contra a barbárie. In: **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995a.

_____. Educação e emancipação. In: **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995a.

_____. Opinión, locura, sociedad. in: **Intervenciones: Nueve Modelos de Crítica**. Caracas: Monte Ávila, 1969

_____. Observações sobre o pensamento filosófico. In: _____ . Teoria da semicultura. In: **Educação & Sociedade: Revista quadrimestral de Ciência da Educação/CEDES: Campinas: Papyrus**, XVII, n. 56, dez. 1996.

_____. Teoria de la pseudocultura. In: **Filosofia y Superstición**. Madrid: Alianza Editorial, 1972.

_____. Sobre sujeito e objeto. In: ADORNO, T.W. **Palavras e Sinais: modelos críticos 2**. Petrópolis: Vozes, 1995 b.

_____. Erziehung – wozu? 1970a. In.: KADELBACH, Gerd (Hrgs). Theodor Adorno. **Erziehung zur Mündigkeit – Vortraege und Gespraech mit Hellmut Becker -1959-1969**. Frankfurt: Suhrkamp, 1979a.

ADORNO, T. W. (1996). **Teoria da semicultura** (N. Ramos-de-Oliveira, Trad.). Educação e Sociedade, 56, 388-411. Retirado em 08 abr. 2007, de <http://www.educacaoonline.pro.br> (Original publicado em 1972-1980).

ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BERTONI, L. M. (Orgs.). **Indústria Cultural e Educação: ensaios, pesquisas, formação**. Araraquara: JM Editora Ltda, 2003.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

CROCHIK, J.L.; PATTO, M.H.S. Pedindo socorro à parede. In: **Formação de psicólogos e relações de poder: sobre a miséria da psicologia** [S.l: s.n.], 2012.



FREITAG, Bárbara. **Política Educacional e Indústria Cultural**. 2º ed. São Paulo: Autores Associados, 1989. (Coleção Polêmica do Nosso Tempo, nº26).

SCHWEPPEHAEUSER, Gerhard. Theodor W. Adorno **zur Einfuehrung**. **Hamburg.:** Justus Verlag, 2003.

